

**“DE UM IRMÃO E IRMÃ DESCONHECIDOS DA TERRA DAS
NECESSIDADES”: ESCRITAS DE (DES)CONEXÕES ENTRE ALEMANHA
E RIO GRANDE DO SUL NO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

João Vítor Sand¹

Rosane Marcia Neumann²

Resumo: O término da II Guerra Mundial, em 1945, produziu um elevado contingente de deslocados de guerra na Europa. O presente artigo estuda as narrativas de deslocados de guerra europeus registradas em cartas, encaminhadas à Cruz Vermelha, filial do Rio Grande do Sul, no imediato pós-guerra, entre 1946 e 1949. Entende-se as cartas como “escritas de si” espontâneas, realizadas na tentativa de buscar reconexões étnicas e religiosas, com o intuito de receber auxílio para sobreviver. Logo, são desconexões familiares e conexões transnacionais, mediadas pela Cruz Vermelha, que têm como tentativa sensibilizar o grupo étnico alemão rio-grandense para acorrer em auxílio. As cartas, como escritos espontâneos de sujeitos anônimos, para além de sua demanda individual, trazem aspectos do cotidiano da Alemanha pós-guerra, bem como dessas populações deslocadas e de sua vida precária. Procura-se trazer uma história vista de baixo para cima, sob a perspectiva de pessoas comuns, que depositaram um fio de esperança no além-mar.

Palavras-chave: Pessoas Deslocadas; Pós-Segunda Guerra; Cruz Vermelha Brasileira.

**“OF AN UNKNOWN BROTHER AND SISTER FROM THE LAND OF
NECESSITIES”: WRITINGS ON (DIS)CONNECTIONS BETWEEN GERMANY
AND RIO GRANDE DO SUL IN THE POST-SECOND WORLD WAR**

Abstract: The end of World War II in 1945 produced a large contingent of German-speaking peoples as war displaced persons in Europe. The present article studies the narratives of displaced Europeans recorded in letters, sent to the Red Cross, Rio Grande do Sul branch, in the immediate post-war period, between 1945 and 1949. The letters are understood as spontaneous “writings of the self”, written to seek ethnic and religious reconnections, to receive aid for survival. Thus, these are family disconnections and transnational connections, mediated by the Red Cross, as an attempt to sensitize the German ethnic group from Rio Grande do Sul to come to their aid. The letters, as spontaneous writings of anonymous subjects, beyond their individual demand, bring aspects

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Contato: joao.vitor.sand@gmail.com.

² Doutora em História. Professora na Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Contato: rosaneneumann@gmail.com.

of everyday life in post-war Germany, as well as these displaced populations and their precarious life. Therefore, giving voice to these invisible victims allows a "look from below" of this period, as well as these attempts of transnational reconnections, via a "neutral" entity, such as the Red Cross.

Keywords: Displaced Persons; Post-Second War; Brazilian Red Cross.

Introdução

Um dos espólios das guerras do final do século XIX e primeira metade do século XX foram as populações, que se viram à mercê dos Estados, que ora as trocava entre si, ora as deslocava, ora as ignorava. Ao término dessa “era das catástrofes”, era muito mais fácil reconstruir os prédios do que a vida dos sobreviventes.³ A Alemanha, palco das duas guerras globais, acabou a Segunda Guerra Mundial com maior destruição física que os demais beligerantes ocidentais. O sistema econômico alemão não era equitativo: o país

[...] explorou os recursos e a mão de obra da Europa ocupada, tratou as populações não alemãs como inferiores e, em casos extremos — os poloneses, mas sobretudo os russos e judeus —, praticamente como mão de obra escrava descartável, que não precisava nem ser mantida viva (HOBSBAWM 1995, p. 54).

³ Na interpretação de Hobsbawm, “o que causou concretamente a Segunda Guerra Mundial foi a agressão pelas três potências descontentes, ligadas por vários tratados desde meados da década de 1930. Os marcos miliários na estrada para a guerra foram a invasão da Manchúria pelo Japão em 1931; a invasão da Etiópia pelos italianos em 1935; a intervenção alemã e italiana na Guerra Civil Espanhola em 1936-9; a invasão alemã da Áustria no início de 1938; o estropiamento posterior da Tchecoslováquia pela Alemanha no mesmo ano; a ocupação alemã do que restava da Tchecoslováquia em março de 1939 (seguida pela ocupação italiana da Albânia); e as exigências alemãs à Polônia que levaram de fato ao início da guerra. Alternativamente, podemos contar esses marcos miliários de um modo negativo: a não ação da Liga contra o Japão; a não tomada de medidas efetivas contra a Itália em 1935; a não reação de Grã-Bretanha e França à denúncia unilateral alemã do Tratado de Versalhes, e notadamente à reocupação alemã da Renânia em 1936; a recusa de Grã-Bretanha e França a intervir na Guerra Civil Espanhola (“não intervenção”); a não reação destas à ocupação da Áustria; o recuo delas diante da chantagem alemã sobre a Tchecoslováquia (o “Acordo de Munique” de 1938); e a recusa da URSS a continuar opondo-se a Hitler em 1939 (o pacto Hitler-Stalin de agosto de 1939)” (HOBSBAWM, 1995, p. 50).

Em 1944, a mão de obra estrangeira aumentou consideravelmente no país, representando cerca de um quinto da força de trabalho. Todavia, em relação aos trabalhadores alemães, seus ganhos permaneceram os mesmos que em 1938. Estimava-se, em maio de 1945, que o saldo de pessoas desenraizadas na Europa por conta da Segunda Guerra Mundial era cerca de 40,5 milhões de pessoas, excluindo os trabalhadores forçados dos alemães e os alemães que fugiam frente ao avanço dos exércitos soviéticos (HOBSBAWM, 1995).

No período do pós-Segunda Guerra, a Alemanha foi dividida em zonas de ocupação pelas “Três Grandes” nações vencedoras da guerra: Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética, além da França, que foi convidada para participar. Cada país ficou responsável por uma Zona de Ocupação, atendendo às suas motivações e interesses. Além das particularidades individuais de cada zona, um ponto em comum entre todas foi uma massiva onda de refugiados e deslocados de guerra, que todos os dias chegavam nas cidades alemãs. Para Ben Shephard (2012, p. 15), “o legado mais importante da guerra foi uma crise de refugiados”. Embora imprecisos, os dados de 1944 apontam para uma população deslocada que oscilava entre 9 milhões e 30 milhões.

Haveria 11,469 milhões de Pessoas Deslocadas na Europa e 7,738 milhões na Alemanha, das quais os grupos maiores eram 2,3 milhões de homens e mulheres franceses, 1,84 milhão russos, 1,403 milhão poloneses, 500 mil belgas, 402 mil holandeses, 350 mil tchecos, 328 mil iugoslavos, 195 mil italianos e 100 mil oriundos dos Estados bálticos (SHEPHARD, 2012, p. 80).

Ao término da catástrofe humana desencadeada pela Segunda Guerra Mundial, a humanidade aprendeu a viver num mundo em que a matança, a tortura e o exílio em massa se tornaram experiências do dia a dia, passando despercebidas — ou ocupando as manchetes da mídia em um dia e caindo no esquecimento no outro (HOBSBAWM, 1995; SHEPHARD, 2012). Nesse sentido, a reconstrução material de uma Europa destruída era mais viável do que a reconstrução da vida dos sujeitos atingidos direta ou indiretamente pela guerra, somando-se as perdas humanas.

Após enterrar seus mortos — mesmo que simbolicamente —, restavam os escombros, a carestia, as doenças, o desemprego, a pobreza. Em tais cir-

cunstâncias, clamar pela ajuda de entidades religiosas e assistenciais internacionais foi o caminho escolhido por muitos. Dentre elas, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV)⁴, com ramificações em todos os continentes e subseções espalhadas em diversos países. Assim, este estudo tem como objetivo analisar algumas trajetórias de populações sobreviventes e deslocadas em território alemão — dividido e ocupado — e as estratégias empregadas para reconstrução de sua vida e reunião dos familiares.

No âmbito da temática, como recorte de pesquisa, estudam-se as narrativas de deslocados de guerra europeus na Alemanha, registradas em cartas e encaminhadas à Cruz Vermelha Brasileira, filial do Rio Grande do Sul⁵, no imediato pós-guerra, entre 1946 e 1949. Sob a perspectiva da Micro-história, em diálogo com a História Transnacional, busca-se observar essas narrativas dentro de um cenário global de envio de cartas para diversas organizações, em diversos países. O artigo divide-se em três partes articuladas: primeiro, situa o cenário da Alemanha no pós-Segunda Guerra Mundial; em seguida, analisa as conexões entre famílias divididas entre o Brasil e a Alemanha; e, por fim, apresenta as narrativas das cartas enviadas por pessoas deslocadas na Alemanha para a Cruz Vermelha Brasileira, filial do Rio Grande do Sul.

Escritas de si

No pós-Segunda Guerra Mundial, com a onda de fome que atingia a Alemanha, foram necessárias novas táticas para garantir a sobrevivência própria e da família — individual e coletiva. Uma das estratégias foi a escrita e o envio de cartas a parentes e conhecidos que residiam no exterior, solicitando ajuda (FROTSCHER, 2015). A ajuda se dava de diferentes

⁴ Criado em 1863, por Henri Dunant, o CICV opera no mundo inteiro, ajudando pessoas afetadas por conflitos e violência armada e divulgando as leis que protegem as vítimas da guerra. É uma organização independente, neutra e imparcial, cuja missão deriva das Convenções de Genebra de 1949. Com sede em Genebra, na Suíça, o CICV trabalha em mais de cem países. Fonte: <https://www.icrc.org/pt/document/russia-ucrania-cicv-pronto-para-visitar-todos-prisioneiros-de-guerra-mas-deve-ter-acesso-garantido>. Acesso em: 13/06/2023.

⁵ No Brasil, a Cruz Vermelha Brasileira (CVB) foi fundada no ano de 1907, tendo como primeiro presidente o sanitarista Oswaldo Cruz. A CVB está presente, atualmente, em 21 estados do país. No Rio Grande do Sul, a filial da Cruz Vermelha Brasileira (CVB/RS) foi fundada em 1940, tendo como sede estadual Porto Alegre.

maneiras, que poderiam variar conforme a necessidade e o próprio pedido escrito nas cartas. Como exemplo, pode-se citar o envio de mantimentos, como gêneros alimentícios, roupas de cama e vestimentas, incluindo roupas íntimas, casacos e sapatos.

Há uma circularidade de cartas partindo da Alemanha para diversos países da América, que haviam recebido milhares de famílias de e/imigrantes ao longo do século XIX e início do século XX. Já aqueles que não contavam com redes de parentesco ou sociais no exterior viam-se na iminência de recorrer a organizações humanitárias, empresas e instituições estrangeiras, na tentativa de obter alguma assistência.

Nesse radar de possibilidades, estava o Brasil, em especial o Rio Grande do Sul, pois a presença de imigrantes — principalmente alemães — e descendentes nesse estado era significativa, tanto na região metropolitana quanto nas zonas de colonização interioranas, mantendo entidades sociais e de ajuda mútua. As cartas, em busca das redes de parentelas e sociais, acompanharam os vestígios das trajetórias migratórias, na expectativa de (re)conectar os fios transnacionais soltos: Europa/Alemanha e América/Brasil/Rio Grande do Sul. Muitas famílias no Rio Grande do Sul procuraram empresas ou organizações para enviar ajuda a seus familiares e conhecidos na Alemanha. Entre essas organizações destaca-se a Cruz Vermelha Brasileira, filial do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre.

No primeiro momento, as famílias procuraram a filial da Cruz Vermelha mais próxima para que esta encaminhasse um pacote particular com mantimentos à Europa.⁶ No segundo momento, sujeitos que não tinham vínculo no exterior — em sua maioria deslocados de guerra — procuraram ajuda das organizações internacionais como a Cruz Vermelha, cujo trabalho de enviar mantimentos à Europa era divulgado por noticiários ou pelo boca-a-boca. Em paralelo, atuaram grupos étnicos, religiosos e sociais, organizados no Rio Grande do Sul, interessados em acolher

⁶ Há, aproximadamente, cem cartas individuais de diversos municípios do Rio Grande do Sul de sujeitos que procuraram a Cruz Vermelha Brasileira para enviar mantimentos para seus familiares na Europa, principalmente na Alemanha.

e atender às demandas de seus compatriotas com o auxílio da Cruz Vermelha Brasileira.⁷

No Rio Grande do Sul, a filial da Cruz Vermelha, com sede em Porto Alegre, foi destinatária no período do imediato pós-guerra (1945-1949) de cerca de 400 cartas oriundas da Alemanha ou de remetentes de línguas alemãs. Para o presente estudo, utiliza-se parcela desse acervo. Trata-se de cartas em língua alemã, manuscritas ou datilografadas, com algumas exceções em língua portuguesa, polonês, inglês e francês, escritas por pessoas comuns, com seus erros de ortografia e pontuação. Para o leitor e o pesquisador, a linguagem empregada e os erros gramaticais são pistas sobre a formação e a intimidade com a escrita do remente. Todavia, essas mesmas pistas, muitas vezes, comprometem a leitura e a tradução livre do material.⁸

Há diversas temáticas que podem ser analisadas nessa documentação. Para este estudo priorizaram-se as cartas que descrevem o processo de deslocamento e o cotidiano do pós-guerra na Alemanha. Essas cartas, escritas e endereçadas para a Cruz Vermelha Brasileira, são entendidas como uma rota de fuga, uma estratégia adotada para amenizar a situação em que os(as) escritores(as) das missivas se encontravam.

As trajetórias e tragédias pessoais e familiares circulam no âmbito familiar e, quando o extrapolam, em geral, o fazem de forma mediada. Sob esse prisma, uma carta escrita de próprio punho por um deslocado de guerra, enviada para uma organização humanitária internacional — no caso em questão, a Cruz Vermelha —, que de fato remeteu a correspondência ao seu destinatário — a Cruz Vermelha Brasileira, filial do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre —, que a recebeu, leu, procedeu aos encaminhamentos e arquivou

⁷ Sobre a organização da comunidade do grupo étnico alemão nos estados do Sul do Brasil, principalmente o Rio Grande do Sul, Evandro Fernandes observou a atuação do Comitê de Socorro à Europa Faminta (SEF), entre os anos de 1946 e 1949. O SEF organizou-se em torno das “comunidades eclesiás católicas e luteranas e significativos segmentos da sociedade econômica teuta, para enviar à Alemanha 10 remessas de roupas, tecidos, calçados, cobertores e alimentos a fim de amenizar o sofrimento causado pelas consequências da Segunda Guerra aos alemães. A SEF atingiu os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi criada no Colégio Anchieta em Porto Alegre, fundado pela Companhia de Jesus. Várias pessoas, em sua maioria sacerdotes, grandes e pequenos comerciantes, empresários, políticos, agricultores e profissionais liberais envolveram-se nos trabalhos da SEF” (2005, p. 20).

⁸ Este acervo de cartas se encontra em fase de transcrição e tradução por parte dos autores.

as cartas, por si só, é um documento com valor imensurável. Soma-se a isso o seu conteúdo, que remete a uma trajetória de vida, datada no tempo e no espaço.

Ao observar essas “escritas de si” no microscópio, percebem-se aspectos do cotidiano de um espaço e seus sujeitos invisíveis no pós-guerra, permitindo a

[...] reconstrução de momentos, de situações, de pessoas que, investigadas com olho analítico, em âmbito circunscrito, recuperam um peso e uma cor; não como exemplos, na falta de explicações melhores, mas como referências dos fatos à complexidade dos contextos nos quais os homens se movem (OLIVEIRA, 2009, p. 14-15).

Além disso, é possível identificar redes entre os dois mundos, laços que se mantiveram ou que se romperam com a Segunda Guerra Mundial. Nota-se, também, aqueles que não possuíam redes fora do local, e, por isso, buscavam outros meios de sobrevivência pelo mesmo canal (cartas para o exterior). Dessa forma, redes e conexões têm múltiplas faces: encontros casuais, parentesco, amizade, religião comum, rivalidade, inimizade, troca econômica, troca ecológica, cooperação política e até competição militar. Em todos os casos, as conexões também são uma troca de informações, mercadorias, tecnologias etc. Há também uma troca de sentimentos e de ideias, pensamentos sobre o cotidiano, sobre a vida e a morte. São essas conexões que dão forma à história (MCNEILL; MCNEIL, 2004).

Nesse sentido, não está em questão a veracidade dos fatos — o que realmente aconteceu —, mas a sua plausibilidade — o contato do seu emissor com uma dada realidade. Por ser um produto da vida privada, que expressa a visão e compreensão da realidade de quem a escreve, é impossível saber a verdade dos fatos, ou o que realmente aconteceu, e mesmo que existisse uma pequena possibilidade, ela deveria ser descartada. Assim, não se busca compreender os fatos, mas, sim, entender como o sujeito, de maneira singular, que escreveu sobre tais fatos, os percebeu, sentiu e vivenciou (GOMES, 2004, p. 4). A carta pode ser lida como um retrato da atmosfera/contexto em que se deu o ato da escrita e, somada a outros fragmentos, possibilita a construção de uma narrativa sobre um acontecimento, uma época, um indivíduo. Logo, “cada carta é um lugar de me-

mória; o destinatário, o remetente; o implícito; o selo com o lugar e a data de envio" (ITURRA, 2020, p. 88). Enfim, a carta é uma fresta que permite ao historiador espiar a vida privada do autor da missiva: seus desejos, angústias, medos, percepções e memórias.

A prática do gênero epistolar em situação de dor é intensa. A correspondência é um elemento de primeira necessidade. A angústia e os afetos contidos nas cartas são testemunhos da situação de incerteza. Em relação ao registro da intimidade e ao pudor que se pode sentir ao ler as cartas pessoais, é significativa a informação da situação comum que contêm (ITURRA, 2020, p. 87).

As cartas do pós-guerra podem ser lidas como um grito de socorro de sujeitos desesperados que, na tentativa de sobreviver, procuram por papel e caneta e colocam-se a escrever a um desconhecido distante. Nesse ato da escrita, o punho escritor abandona o seu orgulho e se coloca em uma posição de inferioridade e de miséria perante o "outro", depositando nele a sua esperança, ou seja, muito mais do que pedir um pacote de mantimentos, aquele que escreve se coloca na presença quase imediata e física de quem a lê (FOUCAULT, 1992).

Ainda na análise de redes entre sujeitos "entre mundos", a perspectiva da História Transnacional explora principalmente a temáticas ligadas à mobilidade, às transferências e à circulação, além de auxiliar na observação e análise das conexões e desconexões. Ela contribui para a análise desses laços transnacionais entre os sujeitos que, com a guerra, acabaram rompendo os "fios", ou seja, perdendo o contato, procurando, assim, a Cruz Vermelha Brasileira, filial do Rio Grande do Sul, para reestabelecer essas conexões.

No contexto pós-guerra, escrever para uma organização humanitária, como a Cruz Vermelha, tinha como propósito conseguir um pacote de mantimentos (*Lebensmittelpakete*). Porém, essas cartas também permitem entender o contexto geral, isto é, como esses homens e mulheres descrevem o pós-guerra. São diferentes pontos de vista sobre um mesmo cenário, percepções distintas, já que as cartas partem de diferentes cidades e zonas de ocupação da Alemanha.

A carta, por ser um canal de comunicação que implica uma distância física entre os sujeitos envolvidos e por tentar represen-

tar um pequeno encontro (uma breve supressão dessa distância), é um exemplo singular da vontade de persuasão presente no jogo discursivo. (CHARAUDEAU 2001 apud LIMA, p.220).

Esse tipo de escrita é definido por Méri Frotscher como cartas-pedido (*Bittbriefe*, em alemão). Direcionadas para a Cruz Vermelha, essas cartas vinham com pedidos de pessoas “comuns” que procuravam reconstruir suas vidas numa Alemanha em ruínas (FROTSCHER, 2019). A autora, em outro estudo, também define as cartas de emergência (*Notbrief*, em alemão), que informam a luta diária para sobreviver diante das consequências da guerra para a vida privada, dos destinos trágicos dos sobreviventes de bombardeios ou de famílias de alemães evacuados, refugiados ou expulsos de territórios do Leste (FROTSCHER, 2015).

“Eles têm só o que tem no corpo e a vida”

As notícias da Segunda Guerra Mundial percorreram a imprensa escrita e falada desde o seu princípio, em 1939, até a assinatura do tratado de paz, em 1945. O imediato pós-guerra era de reconstrução das perdas materiais, via financiamentos internacionais, reerguendo a economia europeia e, em especial, alemã. Porém, como reconstruir as vidas dos sobreviventes? Como reunir as famílias dispersadas e deslocadas pela guerra? Enfim, a Cruz Vermelha foi uma entre tantas entidades que, para além das perdas materiais, estava interessada em auxiliar os sobreviventes da guerra no seu cotidiano imediato, providenciando sua subsistência — alimentos, remédios, roupas, calçados. Além disso, para amenizar a miséria dessas populações, a entidade realizou campanhas de donativos em diferentes países e intermediou as doações de alemães no exterior aos seus conterrâneos.

O movimento da Cruz Vermelha repercutiu no Brasil e sensibilizou amplos setores das elites nacionais, que se mobilizaram em organizar campanhas a fim de arrecadar mantimentos e remetê-los à Europa. No Rio Grande do Sul, muitos imigrantes alemães e descendentes recorreram à filial da Cruz Vermelha Brasileira, em Porto Alegre, em busca de informações sobre o paradeiro e a situação de seus familiares remanescentes em território europeu, justificando a perda do contato. Em outros casos, com o endereço em mãos,

manifestavam o propósito de enviar doações. Note-se que nos casos em que as conexões familiares se mantiveram ou de emigração recente, o interesse pela parentela se dava por via dupla.

Nesse rol de demandas e troca de informações, encontra-se a carta de Hildegard Gutebier, moradora de Pampeiro, distrito de Santana do Livramento, na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Ela inicia sua carta, datada de janeiro de 1947, endereçada à Cruz Vermelha, filial de Porto Alegre, descrevendo a situação de seus familiares na Alemanha: “os nossos parentes na Alemanha estão se achando numa posição péssima, eles têm só o que tem no corpo e a vida”.⁹ Nessas circunstâncias, Hildegard pretendia atenuar as dificuldades dos familiares com o envio de mantimentos e solicitava mais informações sobre como proceder.

E assim peço a Cruz Vermelha se não podia mandar umas informações: Quanto tem que se pagar para um quilo, de lá da Cruz Vermelha até Alemanha, quantos quilos pode-se mandar, e si tem que ser latas, caixões ou pacotes, e se pode-se mandar dinheiro? Se se manda Cr.\$1.000,00 quanto que custa? Pode ser que vosso Sr. a “Cruz Vermelha” acha melhor de comprar as coisas lá, se é assim, aí nós vamos mandar o dinheiro.¹⁰

No acervo da Cruz Vermelha, em Porto Alegre, não consta cópia da resposta à carta de Hildegard, tampouco sabe-se se ela conseguiu enviar mantimentos ou dinheiro aos seus familiares. Todavia, essa é uma das muitas cartas do acervo com o mesmo perfil, provenientes de diferentes municípios do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, solicitando mais informações sobre como proceder para encaminhar mantimentos aos seus familiares — pais, irmãos, tios, primos, sobrinhos — em território europeu.

Em outro caso, Ricardo Kristofic, residente em São Miguel das Missões, região noroeste do estado, escreveu em 1946: “tenho meu pai, que está com 76 anos, e irmãos na Áustria, e desejo muito auxiliá-los com alguns víveres de vez em quando. Não sabemos, porém, por que meio”.¹¹ Em res-

⁹ Carta. Pampeiro, Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, 26/01/1947. Hildegard Gutebier a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

¹⁰ Carta. Pampeiro, Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, 26/01/1947. Hildegard Gutebier a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

¹¹ Carta. São Miguel, Rio Grande do Sul, 1946. Ricardo Kristofic a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

posta à carta, a diretora tesoureira da Cruz Vermelha do Rio Grande do Sul, Luiza Barnewitz Müller, informou que “os pacotes obedecerão ao peso de 5Kg. As despesas serão de Cr.\$50,00 cada pacote e frete em domicílio”, e que era proibido enviar inflamáveis (fósforos, álcool etc.), banha de coco, azeite, mel e objetos de borracha, já as carnes deveriam ser enlatadas.

As cartas trazem indícios dos deslocamentos migratórios e das conexões transnacionais que permaneceram, unindo redes de parentesco e pertencimento étnico. Hildegard Gutebier e Ricardo Kristofic tinham familiares na Europa, o que pode significar que ambos eram e/imigrantes residentes no Rio Grande do Sul, ou que seus familiares emigraram para a Alemanha e a Áustria, respectivamente. No caso de Hildegard, trata-se de parentes distantes, o que sugere que seus ancestrais e/imigraram da Alemanha para o Rio Grande do Sul e que as conexões familiares se mantiveram ao longo do tempo. Já no caso de Ricardo, é provável que ele tenha e/imigrado para o Rio Grande do Sul, deixando seu pai idoso e irmãos na Áustria — o contrário é pouco provável.

Denota-se, a partir da leitura das cartas, que escrever aos familiares no exterior — Brasil-Alemanha e vice-versa — era uma das estratégias adotadas pelos diferentes sujeitos históricos como um modo de acercar-se de “fonte segura” sobre a situação do pós-guerra, compartilhar suas dores e traumas, amenizar o sofrimento e, outras vezes, articular a possibilidade de uma e/imigração. Em contrapartida, havia pessoas que não tinham familiares ou conhecidos no exterior que poderiam auxiliá-los de alguma forma, por isso, elas acabavam recorrendo a organizações internacionais.

“Por favor, não ignore meu pedido”

A maioria dos deslocados de guerra estava à margem das redes sociais e de parentela ramificadas no exterior, condição que os predispunha a recorrer a uma organização humanitária internacional, como a Cruz Vermelha, e a apelar às populações de línguas alemãs no exterior, mobilizando a identidade de grupo étnico e linguístico — teor predominante das cartas recebidas pela Cruz Vermelha Brasileira, filial do Rio Grande

do Sul. Esses indivíduos, identificados como desconectados, tiveram suas raízes cortadas ou perdidas. Eram homens, mulheres e crianças forçados a deixar sua casa, suas terras, seu trabalho, sua pátria, e deslocar-se para outro território.

Os deslocamentos forçados trouxeram consigo, para além dos efeitos da guerra, mais mortes e uma legião de mulheres viúvas, crianças órfãs e idosos desamparados, que perderam seus filhos. Uma vez na Alemanha, outra situação os aguardava: famílias foram separadas e empurradas para diferentes Zonas de Ocupação. Nessas circunstâncias, Martha Fritz escreve uma carta de Grevesmühlen [hoje, distrito de Nordwestmecklenburg, estado de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental], na Zona de Ocupação Soviética. Ela se apresenta como uma “Ostflüchtling”, isto é, “uma deslocada da Europa Oriental”, da “área atualmente ocupada pelos poloneses”¹².

A família de Martha foi dispersada durante a guerra:

[...] tenho uma neta cujo pai, meu filho, está desaparecido em solo russo desde 1943. A mãe [dela] faleceu em 1935. A neta está com 19 anos. Perdi meu marido nos eventos do pós-guerra, deixando-me completamente sem um tostão. Com a fuga em 1945 quase tudo se perdeu.¹³

No desespero, Martha recorreu à Cruz Vermelha, pedindo mantimentos e/ou roupas. Justificou seu apelo ao exterior uma vez que “não consigo nada dos meus filhos e outros parentes, pois eles também são refugiados, na mesma situação econômica que eu”.¹⁴ Ela solicitava, ainda, que,

¹² Als Ostflüchtig im jetzigen vom Polen besetzten Gebiet bin ich jetzt nach hier verschlagen. Fonte: Carta. Grevesmühlen, Kreis Schönberg, Mecklenburg, Alemanha, 25/02/1948. Martha Fritz a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

¹³ „Bei mir befindet sich noch ein Enkelkind, dessen Vater, mein Sohn, seit dem Jahre 1943 auf russischen Boden vermisst ist. Die Mutter ist im Jahre 1935 verstorben. Das Enkelkind, (Mädchen) ist im 19. Lebensjahr. Meinem Mann habe ich durch die Nachkriegsereignisse verloren, sodass ich vollständig mittellos dastehe. Durch die Flucht im Jahre 1945 ist auch fast alles verloren gegangen. Fonte: Carta. Grevesmühlen, Kreis Schönberg, Mecklenburg, Alemanha, 25/02/1948. Martha Fritz a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA. A “fuga” refere-se ao chamado *Flucht und Vertreibung*, fuga e expulsão em alemão. Esse processo, que ocorreu a partir do final de 1944, removeu e expulsou milhões de pessoas de suas pátrias devido ao avanço do Exército Vermelho. Com isso, as massas passaram a ir rumo ao Oeste.

¹⁴ Von meinen Kindern und sonstigen Verwandten kann ich nichts erlangen, da sie als Flüchtlinge ebenfalls in derselben wirtschaftlichen Lage sind wie ich. Fonte: Carta. Grevesmühlen, Kreis Schönberg, Mecklenburg, Alemanha, 25/02/1948. Martha Fritz a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

caso as *Liebesgaben*¹⁵, ou doações de amor, não pudessem ser entregues na Zona de Ocupação Soviética, que fossem enviadas para uma das filhas — Elli Zimmermann, que estava no setor francês de Berlim (269 km de Grevesmühlen)¹⁶, ou para Frieda Streege, em Behringen, distrito de Soltau (159 km de Grevesmühlen), Zona de Ocupação Britânica.

Após explanar sua demanda e a dispersão da família, Martha reitera o seu pedido e situa o seu lugar de fala:

Por favor, não ignore meu pedido, porque a ajuda é necessária com urgência. Nunca pensei que, apesar da minha idade, tenho 63 anos, ainda teria que mendigar, mas, a situação geral da Alemanha nos leva [a isso], para evitar de passar fome ou andar em farrapos.¹⁷

Aqui, emerge o drama dos deslocados de guerra e sua condição no pós-guerra: segundo suas narrativas, esses sujeitos que “perderam tudo”, no seu lugar de origem, eram proprietários de bens, casa, trabalho, família e, para além do capital econômico, possuíam seu capital social, cultural e político. O “perder tudo” representava abandonar essa vida progressa e ser empurrado para um território destruído pela guerra, na condição de deslocado/refugiado, e recomeçar do zero, em uma posição jurídico-social de inferioridade. As perdas materiais e humanas, nessa leitura, são superáveis e atribuídas ao contexto de guerra. Entretanto, para Martha, a perda da dignidade humana e honra enquanto mulher, mãe, viúva e avó, causara nela um trauma oculto, que eclode no final da narrativa: é humilhante e desonroso uma mulher na sua idade necessitar mendigar.

A trajetória de Martha e seus conflitos íntimos são comuns a milhares de deslocados do pós-guerra, espalhados pela Europa e outros territórios, digerindo, cada qual a seu modo, os traumas e as consequências da guerra. Nesse caso, os próprios termos usados para definir e situar esses sujeitos hetero-

¹⁵ Entende-se Liebesgaben (*Liebes* = de amor; *Gabe* = donativo) como uma doação de amor, no mesmo sentido de Hilfspacket (*Hilfe* = ajuda; *Packet* = pacote), porém com um sentido mais afeto, de generosidade e amparo com o pedinte.

¹⁶ Assim como a Alemanha, Berlim (capital do país) foi dividida em quatro setores pelas nações vencedoras da guerra.

¹⁷ Von meinen Kindern und sonstigen Verwandten kann ich nichts erlangen, da sie als Flüchtlinge ebenfalls in derselben wirtschaftlichen Lage sind wie ich. Fonte: Carta. Grevesmühlen, Kreis Schönberg, Mecklenburg, Alemanha, 25/02/1948. Martha Fritz a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

gêneos são escorregadios: o termo “vítimas” se mostra insuficiente para definir essas narrativas. O mesmo ocorre com o termo “pessoa deslocada”, que tenta dar conta de categorizar os milhares de judeus, poloneses, ucranianos, letões, lituanos, estonianos, húngaros e iugoslavos. Simultaneamente, milhares de alemães foram expulsos da Europa Oriental e incluídos na categoria “pessoas deslocadas”, adensando esse contingente.

Nos últimos meses da guerra e logo depois, o povo alemão, cujo próprio regime arrancara brutalmente as pessoas de suas casas em toda a Europa ocupada pelos nazistas, tornou-se vítima de uma das grandes evacuações humanas da história. Milhões perderam suas casas no Leste – nas antigas províncias alemãs da Prússia Oriental e Ocidental, da Pomerânia, da Silesia, e das áreas do leste de Brandemburgo; na Sudetolândia, na Romênia, Iugoslávia, Polônia, Hungria e nos países bálticos – ou porque fugiram ou porque foram expulsos e transferidos para o oeste, para o que se tornaram as quatro zonas de ocupação da Alemanha (BESSEL, 2010, p. 77-78).

Em síntese, de alguma forma, todos “eram ‘refugiados’ e, como tais, estavam na parte inferior da hierarquia” social (SHEPHARD, 2012, p. 13). As próprias cartas trazem indícios desse terreno pantanoso jurídico-legal e de auto-identificação: afinal, quem somos?¹⁸ “Somos refugiados protestantes alemães da Hungria, e tivemos que deixar nossa querida pátria, como tantos de nossos camaradas, [e fomos] destinados [para cá]”, escreveu Jung Konrad em sua carta, datada de 23 de novembro de 1947, em Johanniskirchen, situado no distrito de Rottal-Inn, no estado da Baviera, na Zona de Ocupação Americana.¹⁹ Sua carta é emblemática de alguém que está à margem das redes familiares e sociais. Na expectativa de ser atendido, ele apela ao per-

¹⁸ Ambos os termos — deslocado e refugiado — parecem misturar-se nas narrativas, o que mostra a dificuldade de autoidentificação dos sujeitos, que ora caracterizam-se como refugiados, ora como pessoas deslocadas. O conceito atual de refugiado surge na Convenção de Genebra de 1951, e define como “pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição” de diferentes causas, havendo um sentimento de não regressar. Já as pessoas deslocadas (*Displaced Person* — PD) são aquelas que tiveram que fugir forçosamente de sua residência, inserindo na definição um deslocamento dentro ou fora do país. Em algumas cartas, é possível identificar um desejo em regressar algum dia à sua *Heimat*, à sua terra natal. Portanto, os autores das cartas apresentadas neste estudo são definidos como pessoas deslocadas.

¹⁹ Wier sind Deutsch evangelische Flüchtlinge aus Ungarn, mussten die liebe Heimat, wie so viele unsere Schicksalsgenossen verlassen. Fonte: Carta. Johanniskirchen, Kreis Eggenfelden, Niederbayern, Alemanha, 23/11/1947. Jung Konrad a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

tencimento religioso: “de um irmão e irmã desconhecidos da terra das necessidades”²⁰, seguido da citação do versículo de Coríntios 13:13: “portanto, agora existem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. Porém a maior delas é o amor”²¹. No decorrer da carta, Jung descreve sua situação atual e as circunstâncias enfrentadas pela família: ele vivia em um pequeno quarto com a esposa, seu filho de 3 anos e seus pais. No ato do deslocamento, “nós quatro só podíamos levar bagagem de mão, não o essencial”²², o que permite inferir que possuíam “o necessário para viver”, mas não puderam carregar consigo.

Como já apontado, os contingentes de deslocados/refugiados originavam-se de um ato de fuga ou expulsão, devendo partir imediatamente, carregando consigo o mínimo possível. Logo, não era uma mudança planejada de um local para outro. No trajeto, ainda corriam o risco de saques, estelionatos e abusos de toda ordem.

Tanto no Leste como no Oeste, soldados de todos os exércitos tomaram como presa a vulnerável população civil. No Oeste, soldados de uma Wehrmacht na iminência de sofrer uma derrota roubaram bens de seus “correligionários de raça” civis; e soldados dos exércitos ocidentais que entraram na Alemanha também praticaram roubos. No Leste, forças soviéticas que avançavam sobre a Alemanha saquearam com prazer as propriedades do odiado inimigo, chance essa que se tornava mais irresistível pelo fato de os alemães abandonarem às pressas suas casas. Ao mesmo tempo, a chegada de forças soviéticas era, em geral, o anúncio de uma orgia de saques e estupros, não raro seguidos de assassinatos; muitos civis foram mortos pelos motivos mais banais, por uma peça de roupa ou por um relógio (BESSEL, 2010, p. 90).

Nesse contexto, as populações expulsas chegavam no Oeste Europeu sem pátria, sem lar, sem pertences, empobrecidos e, ainda por cima, traumatizados. A circulação de relatos e denúncias despertou a atenção de organizações humanitárias, como a Cruz Vermelha, que, dentro da sua alçada,

²⁰ Von unbekanntem Bruder und Schwestern, aus dem Lande der Not. Fonte: Carta. Johanniskirchen, Kreis Eggenfelden, Niederbayern, Alemanha, 23/11/1947. Jung Konrad a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

²¹ Nun aber bleiben Glaube, Hoffnung, Liebe, diese drei aber die Liebe ist die größte unter Ihnen. Fonte: Carta. Johanniskirchen, Kreis Eggenfelden, Niederbayern, Alemanha, 23/11/1947. Jung Konrad a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

²² Antenehmen durften vier nur Handgepäck, also nicht das allernötigste. Fonte: Carta. Johanniskirchen, Kreis Eggenfelden, Niederbayern, Alemanha, 23/11/1947. Jung Konrad a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

buscaram auxiliar e apoiar esses grupos vulneráveis. Ao mesmo tempo, essas instituições acolheram e distribuíram as suas cartas, contribuindo para que as narrativas dessas trajetórias ganhassem o mundo, escancarando o lado trágico do pós-guerra.

A carta de Jung Konrad, nesse sentido, é um grito de socorro, acionando o lado humano e de caridade cristã do seu possível leitor, isto é, os irmãos além-mar: “é a fé no amor cristão que nos faz enviar-lhes esta carta, com a esperança de que seremos ajudados pelas quatro promessas do Senhor, a todos os que acreditam n’Ele”.²³ Percebe-se que, em meio a catástrofes, a predisposição das pessoas em buscar orientação e conforto nas igrejas aumenta, ou, como afirma Bessel (2010, p. 303), a catástrofe leva “o povo de volta para Cristo”. Não é possível afirmar se Jung Konrad buscou a fé como um refúgio, ou se possuía uma vida baseada nos princípios protestantes. O que se sabe é que, ao longo da narrativa da carta, depositava a sua esperança em um ser superior, que salvaria a sua família da miséria:

Não é fácil para mim revelar minha pobreza desta forma, mas sem teto e abandonados como muitos enquanto refugiados buscam socorro a cada colina, como um navio no meio de uma tempestade, na noite escura as luzes do tempo. Nossa miséria é grande, nenhum futuro parece dar poder para nós. Ganhamos tudo em termos de bem terreno, restam apenas duas coisas: o desejo ardente por nossa amada pátria perdida e a fé profunda que nosso Senhor Deus nos dará o melhor e nos salvará desta miséria!²⁴

Na ótica de Jung, “acima de tudo, precisamos da ajuda de Deus”. O subterfúgio adotado aqui para sensibilizar seu leitor foi a comunidade religiosa: “irmãos e irmãs protestantes [evangélicos luteranos] da Alemanha” dirigiam-se aos seus “irmãos e irmãs” protestantes do Brasil. Dessa forma, a carta de Jung insere-se no rol de cartas que apelam à identidade religiosa, ao encaminhar seus pedidos à Cruz Vermelha, ramificada no além-mar, na América/Brasil/Rio Grande do Sul.

²³ Der Glaube an die Christliche Liebe ist es der uns diesen Briefen Euch achten lässt, mit der Hoffnung das uns Hilfe wird vier Herr Verheißen hat, allen die an ihn glauben. Fonte: Carta. Johanniskirchen, Kreis Eggenfelden, Niederbayern, Alemanha, 23/11/1947. Jung Konrad a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

²⁴ Es fällt mir nicht leicht, meine und meinen Armuth so zu offenbaren, doch heimatlos und Verlassene wie viele als Flüchtlinge suchen vier jede Hille, wie ein Sturm erbautes Schiff, bei dunkler Nacht das wetterte Lichter. Das Große ist unser Elend, keine Zukunft scheint für uns Macht zu geben. Fonte: Carta. Johanniskirchen, Kreis Eggenfelden, Niederbayern, Alemanha, 23/11/1947. Jung Konrad a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

Após descrever sua condição de deslocado, Jung Konrad trouxe mais um elemento para justificar “o que me levou a escrever esta carta para vocês”:

[...] minha esposa está doente e mal alimentada, ela pesa apenas 47 kg. Eu mesmo sou pedreiro, meu pai é um trabalhador. Nós ganhamos dinheiro, mas ele vai para a compra da escassa comida que está disponível nas ruas. Todos vocês sabem como é a situação alimentar aqui, queridos irmãos e irmãs. Há muito para morrer e muito pouco para viver; a fome nos assombra como um fantasma e atinge mais duramente os refugiados aqui.²⁵

A fome e a carestia foram um dos principais problemas que atingiu a Alemanha no pós-guerra. Muitas famílias, mesmo trabalhando, como é o caso da de Jung Konrad, não conseguiam suprir suas necessidades básicas de nutrição em razão do elevado preço ou da indisponibilidade de alimentos. Para contornar a fome, uma das estratégias foi suprir a carestia com o pedido de remessas de mantimentos básicos do exterior, com a intermediação de organizações humanitárias. Outra possibilidade era comprar no “mercado negro”, que se tornou essencial na luta diária de uma população faminta pela sobrevivência nas ruínas das cidades. Conforme o historiador Richard Bessel (2012), em 1947, estimava-se que 95% da população estava envovida, de alguma maneira, no escambo ou mercado negro. Este período, que vai de 1945 a 1948, ficou conhecido como “era do mercado negro”. Uma das moedas de troca utilizadas na Alemanha pós-guerra era o cigarro, tanto que a Cruz Vermelha Brasileira proibiu o envio de cigarros ou fumo nos pacotes remetidos à Alemanha, independente se para familiares ou não.

O fato de escrever uma carta e remetê-la ao exterior, por si só, não era garantia de haver um leitor e, muito menos, de ser atendido com o envio de um “pacote de amor”. Na carta de Georg Heißenberg, escrita em 29 de março de 1948, em Oldenburg [Baixa Saxônia], Zona de Ocupação Britânica, há pistas sobre a dinâmica das remessas de mantimentos e a

²⁵ Dazu ist meine Frau Krank und schlecht Ernährt, sie regt nur noch 47kg. Ich selbst bin Maurer, mein Vater Hilfsarbeiter. Wier verdienen zwar Geld, doch geht es auf beim Erkauf der kärglichen Lebensmittel die es auf die Karau gibt. Wie es sonst mit der Ernährung hier steht wisst ihr voll liebe Bruder u. Schwestern. Es ist zum Sterben Zuviel und zum Leben zu wenig, die Hungersnot geht um wie ein Gespenst und trifft auch hier um Flüchtlinge am härtesten. Fonte: Carta. Johanniskirchen, Kreis Eggenfelden, Niederbayern, Alemanha, 23/11/1947. Jung Konrad a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

importância das cartas-pedido, embora causassem constrangimento ao seu remetente.²⁶ Conforme Georg, “vivemos com famílias que recebem um pacote da América, Suíça, Austrália e outros países quase a cada 3-4 semanas”²⁷, garantindo, assim, a sua subsistência. Subentende-se que, para garantir um abastecimento regular, além de acionar os familiares no exterior, era preciso buscar ajuda junto a diversas empresas e organizações humanitárias internacionais em diversos países. Exemplo disso é a mulher de Georg, que, em novembro de 1947,

[...] tentou entrar em contato com empresas dos Estados Unidos e ofereceu-se para fazer alguns casacos bonitos, ou outras malhas para tricotar, a fim de obter também lã ou outras roupas. Trabalhar para ter. Infelizmente, essas empresas não responderam às cartas de minha esposa²⁸.

Escrever para pedir mantimentos era tarefa difícil para Georg: “não é da minha natureza pedir esmolas por meio de cartas de súplica, mas a necessidade me obriga a fazê-lo”²⁹. Frente à necessidade, não havia muita escolha, já que não contava com “parentes ou conhecidos no exterior, como é o caso de algumas famílias alemãs”³⁰. Porém, conforme ele mesmo apontou:

[...] você está ciente de que a situação alimentar e econômica na Alemanha não melhorou de forma alguma desde o fim da guerra.

²⁶ Georg não descreve se é ou não uma pessoa deslocada, sendo indeterminada sua nacionalidade. Contudo, Oldenburg recebeu um fluxo de mais de 12 milhões de pessoas expulsas dos territórios orientais alemães, podendo assim Georg ser um alemão expulso ou não. Fonte: <https://www.oldenburgische-landschaft.de/wissen/digitales-geschichtsbuch/kriegsende-und-nachkriegszeit/>. Acesso em 02/03/2023.

²⁷ Wir wohnen bei Familien, die ast alle 3-4 Wochen ein Paket aus Amerika, der Schweiz, Australien und anderen Staaten erhalten. Fonte: Carta. Oldenburg, Alemanha, 29/03/1948. Georg Heißenberg a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

²⁸ Meine Frau hat bereits im November 1947 einen Versuch gemacht, sich mit Firmen aus den Vereinigten Staaten ins Benehmen zu setzen und denselben angeboten, gegen Zusendung von Wolle einige nette Pullover oder andere Strickereien anzufertigen, um für diese Arbeit ebenfalls etwas an Wolle bzw. andere Kleidungsstücke zu erhalten. Leider haben diese Firmen die Briefe meiner Frau nicht beantwortet. Fonte: Carta. Oldenburg, Alemanha, 29/03/1948. Georg Heißenberg a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

²⁹ Es liegt nicht in meiner Natur, durch Bittbriefe um Almosen Pakete zu bitten, aber die Not zwingt mich dazu. Fonte: Carta. Oldenburg, Alemanha, 29/03/1948. Georg Heißenberg a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

³⁰ Hinzu kommt, daß wir keine Verwandten oder Bekannte im Auslande haben, wie es bei manchen deutschen Familien der Fall ist. Fonte: Carta. Oldenburg, Alemanha, 29/03/1948. Georg Heißenberg a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

Não podemos comprar nada com o dinheiro que eu e minha família ganhamos com o trabalho árduo de minhas mãos³¹.

Enfim, a lógica de Martha, Jung e Georg é semelhante: “trabalhar para ter”, conquistar seu sustento com o seu trabalho. Já o ato de “pedir”, “mendigar”, “aceitar esmolas”, antes de tudo, contrariava seus princípios éticos e morais, atingindo sua dignidade humana e honra, enquanto homens e mulheres. Esse conflito permeia as entrelinhas das três cartas, com nível de intensidade variada. Essas três narrativas ainda possibilitam um olhar multitemático, de religiosidade, trabalho, gênero, deslocamento etc. Cada uma apresenta suas especificidades, mas inserem-se dentro de um contexto que envolvia milhões de pessoas na Alemanha pós-guerra.

Considerações finais

Portanto, o conjunto de cartas escritas por pessoas deslocadas e endereçadas à Cruz Vermelha Brasileira, filial do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, são fragmentos de trajetórias de vida de vítimas invisíveis, como diz Hobsbawm (1995). Esses “cacos” do espelho da História permitem observar e ampliar a compreensão do cotidiano e da vida “vista de baixo”, narrada e descrita por pessoas comuns. As cartas trazidas neste estudo são um pálido reflexo de uma realidade/um contexto particular congelado pelo seu autor, um habitante anônimo numa Alemanha pós-Segunda Guerra Mundial. Envolvidas em um cenário de traumas, fome e destruição, na luta diária pela sobrevivência, essas cartas foram enviadas para outros países, na esperança de serem lidas no além-mar. Ainda que endereçadas à Cruz Vermelha, as cartas guardam um caráter de pessoalidade, descrevendo a sua situação e tentando ao máximo conseguir um encontro imaginário com o leitor da carta. Enfim, a análise desses documentos busca trazer uma cor humana para a História (DE VIVO, 2023).

Finalmente, aqueles que tinham familiares no exterior escreviam a eles em busca de socorro, retroalimentando suas conexões. Já as narrativas de

³¹ Es ist Ihnen bekannt, daß die Ernährungslage sowie die wirtschaftlichen Verhältnisse sich in Deutschland seit Beendigung des Krieges keineswegs verbessert haben. Für das mir und meiner Familie durch meiner Händ Fleiß verdiente Geld können wir käuflich nichts erwerben. Fonte: Carta. Oldenburg, Alemanha, 29/03/1948. Georg Heißenberg a Cruz Vermelha/Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Pasta 1. ACV-RS/POA.

pessoas sem conexões no exterior predominam no acervo da filial da Cruz Vermelha no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1945 e 1949. Essa organização, articulada com outras de caráter semelhante, acionou redes locais e nacionais em busca de encaminhar ajuda por pacotes de mantimentos. Esses pacotes, que levavam comidas, roupas e calçados, também eram um pacote de esperança para uma Europa que, até aquele momento, não havia presenciado uma catástrofe de tamanha dimensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BESSEL, Richard. *Alemanha, 1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DE VIVO, Filippo. Micro-histórias da informação a longa distância: espaço, movimento e agências em notícias da Idade Média. In: VENDRAME, Maíra Inês; KARSBURG, Alexandre. *Territórios da história: o micro, o local e o global*. São Paulo: Alameda, 2023. p.271-316.
- FERNANDES, Evandro. *SOS Europa Faminta: Comitê de Socorro à Europa Faminta –SEF*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. p.129-160.
- FROTSCHER, Méri. "A miséria me obriga a escrever ao senhor": a escrita de si em cartas de alemães ao prefeito de Blumenau-SC (1946-1948). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n. 15, p. 137-176. maio/ago. 2015;
- FROTSCHER, Méri. "Vou tentar ajudar minha família escrevendo essa carta": jogos de gênero em cartas enviadas da Alemanha para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 40, p. 111-135, jan./abr. 2019;
- GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ITURRA, Jorge Montealegre. Linhas de memória: testemunhos gráficos e estratégias narrativas. In: FREDRIGO, Fabiana de Souza; GOMES, Ivan Lima (Org.). *História e Trauma: Linguagens e Usos do Passado*. Vitória: Editora Milfontes, 2020.
- MCNEIL, J. R.; MCNEIL William H. *Las redes humanas: una historia global del mundo*. Barcelona: Crítica, 2004.
- OLIVEIRA, Mônica R. de; ALMEIDA, Carla (Org.). *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009
- SHEPHARD, Bem. *A longa estrada para casa*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.